PROMETEUS * VIVA VOX
FILOSOFIA EM REVISTA
Ano 4 - no. 3 fevereiro/2008 ISSN 1807-3042

VIVA VOX
Grupo de Pesquisa em Filosofia Clássica e Helenística
Universidade Federal de Sergipe
Contatos: vivavoxsergipe@yahoo.com.br
http://musoniorufo.zip.net

REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE O AMOR

Prof. Dr. Marcos Antonio da Silva – PROMETEUS/DFL/UFS
marcosilva33@hotmail.com

O Amor em essência é desejo

"Amar é estender o seu corpo em direção a um outro corpo: mas é também, mais fundamentalmente, exigir que esse corpo, que ele deseja, também se estenda; é desejar o desejo do outro". (Hegel).

Com esta afirmação tomada de Hegel e que, a partir de agora, assumiremos como um postulado, começaremos propriamente a falar do Amor, entendido como movimento que impulsiona o homem à realização de seus mais colimados fins, daí porque o assumiremos igualmente como o mais elevado dos valores do homem.

Mas, afinal, o que é o Amor? Com efeito, para respondermos a esta pergunta primeira – de cunho eminentemente filosófico, porque pergunta pela essência do Amor – que se nos é colocada pela razão, impõe-se-nos que

tematizemos algumas outras proposições que têm sido colocadas ao longo da história da humanidade, desde a antiguidade até os dias de hoje.

Constitui fato inegável que a humanidade é riquíssima em exemplos e em exposições relativas à problemática do Amor, as mais diversas possíveis, algumas muito trágicas, outras paradigmas de verdadeiro encantamento. O interessante seria que aqui pudéssemos abordá-las em sua totalidade, porém dada à natureza do texto, procuraremos nos restringir tão-só a um diminuto universo, precioso embora, que se encontra inserto no universo maior e mais significativo do Amor, para *a posteriori* podermos estabelecer, se possível for, nossa tese acerca do assunto.

Nesse sentido, é dentre os gregos antigos que buscaremos as primeiras manifestações concernentes à especulação do Amor. Muitos dos gregos nos deram significativos testemunhos do culto ao Amor, notadamente a partir da primarcial idéia do "Eros". Eros é traduzido como "Amor do belo", permitindo-nos inferir ser ele sublime porque belo e, por conseguinte, ideal. Essa atitude primeira "grega", perdurará por longo período de tempo da nossa história.

Nada obstante o fato de ser predominantemente ideal, o Amor tem uma base concreta, pois decorre da experiência vivida do homem. E, em assim sendo, o Amor tematizado pelos antigos revela-nos a razão de ser do próprio Amor, ou seja, sua essência mesma, a qual se faz expressar no desejo de realizar-se. Tal realidade demonstra ser o Amor um sentimento ao mesmo tempo paradoxal e conflituoso.

Que não se pense tratar-se aqui do desejo pelo puro desejo, isto é, entendido como ato resultante de uma atração física apenas, porquanto o desejo como essência é aquele que prima pela capacidade de realização plena dos entes envoltos numa relação amorosa, implicando dizer com isso que cada um dos amantes busca realizar-se no outro, ao mesmo tempo em que buscam propiciar a realização do outro com quem compartilham tal relação. É indubitável que se trata de um ato de alteridade.

Destarte, para melhor explicitar a atitude grega diante do Amor, ou da possibilidade do Amor, tentemos expô-la mediante alguns breves e significativos resgates.

Em Demócrito de Abdera, constatamos por suas palavras o idealismo, a sublimação, o desejo enquanto essência, que caracteriza o Amor e que fê-lo expressar-se nos seguintes termos: "A beleza do corpo é beleza animal, se sob ela não está a inteligência" **(1)**. Por outras palavras, tal assertiva nos autoriza a dizer que a beleza, se não dignificada pelo entendimento, será puramente animalesca.

Nota-se que está em causa, nesse pensamento, o valor da beleza enquanto tal, isto é, como fator fundamentalmente estético, donde se conclui haver a necessidade de que sob tal beleza subsista uma base mais sólida que possa determinar o limiar do Amor. Conseguintemente, poder-se-ia afirmar ser o Amor um sentimento que encontra sua gênese na admiração do belo, portanto do "Eros".

Corroborando este ponto de vista, Demócrito nos dá mais uma contribuição com o fragmento de nº 73, onde ressalta: "É Amor reto desejar sem desmedidas as coisas belas" **(2)** .

Do até aqui exposto resulta, segundo nossa análise, que o "Eros" tem como essência o desejo (desejo de amar) e, ademais, busca uma realização recíproca, sendo-nos permitido deduzir que a união é buscada incessantemente, consistindo esta um corolário do Amor.

Analogamente agindo, prescrutemos a perspectiva igualmente idealista platônica, expressa em obra recomendada a todos que como nós, se preocupam em procurar o desvelamento do Amor, cujo título é *O Banquete*.

Nessa obra-prima da literatura do Amor, Platão, em conformidade com o pensamento grego acerca do tema, tece uma reflexão profunda e expõe-nos, com toda magnitude, o seu entendimento sobre o Amor, fazendo como que

uma síntese do pensamento vigente e demonstrando outrossim todas as propriedades e realizações de que o Amor é capaz, porque "amor do belo" que busca no outro o sentido de compleição, porquanto inconcebível nesses termos é pensar o amor de um.

Em Platão, portanto, aquele corolário do Amor ao qual nos referimos anteriormente, se nos apresenta como o sentido último do desejo-essência, posto que o amante necessariamente está a buscar-se sempre no amado e, concomitantemente, a fazê-lo o mais amado dos amados, porque o mais desejado dentre todos, tendo como fim último a plenitude do Amor. Esta se dá tão-somente quando a incompleição de um encontra no outro o que lhe era ausência, por pena imposta à espécie, conforme se depreende das palavras de Aristófanes no referido diálogo, assim expressas:

> ***Consumada esta separação, cada parte desejou unir-se à metade de que se desligara. Quando depois se encontravam, atiravam-se nos braços uma da outra, enlaçavam-se tão fortemente que, pelo desejo de se fundirem, se deixavam morrer de fome, inertes, sem desejo de nada empreender cada uma em separado. Quando morria uma das metades, a que ficava procurava estreitar-se à outra metade abandonada, quer se tratasse do que hoje chamamos mulher, quer de homem*** **(3)** . (Grifo nosso).

Diríamos, hoje, que o ser do homem encontrou a sua cara metade. Dá-se assim a perfeita combinação entre os dois entes que continuamente estão a procurar a compleição, isto é, a união entre o homem e a mulher, podendo-se melhor esclarecer tal procurar com as palavras que pela boca de Aristófanes voltam a dizer-nos:

> ***Nasceu daí o amor mútuo entre os homens, que os reconduz ao estado primitivo da natureza, unindo as metades e remediando destarte a fragilidade humana. Cada um de nós é, pois, uma metade de homem separado do seu todo, como quando se corta em dois um***

linguado, do qual, desde então, anda cada qual à procura da outra metade. Ora, todos os homens que provém de uma seção macho e fêmea desses seres chamados andrógenos, amam as mulheres **(4)** . (Grifo nosso).

Com efeito, Platão nos coloca o homem como um ser que ama naturalmente, dado que natural é o desejo que lhe é subjacente. Dessarte, sendo o homem o único ser capaz de amar, deduz-se que o Amor, por ser gênero, transmite-se necessariamente a ele – homem – , por ser espécie, aqui estabelecendo uma analogia com o pensamento aristotélico. Com tal pensamento não poderíamos deixar de concordar, dado o reconhecimento por nós, parafraseando Sartre, de ser o homem um ser condenado a amar, consistindo esta proposição uma verdade indubitável nos termos propostos por Descartes acerca do *cogito*.

Tal condenação resulta, em primeiro lugar, da necessidade que é o Amor para o homem e, em segundo lugar, da contingência do encontro desse homem com um outro ser a quem ele desejar, porque belo.

Procedendo a um corte espistemológico na história do Amor ao longo do tempo e tentando um resgate de alguns poucos grandes investigadores e vivenciadores mais recentes do Amor, procuraremos desvelar a verdade que se encontra implícita na experiência de Kierkegaard, que pessoalmente nos demonstra ser a experiência do amor um misto de tragédia e sublimação.

Com efeito, Kierkegaard oferece-nos o exemplo da vivência angustiante que é o Amor. E tal é, estritamente, nossa interpretação, porque segundo nosso pensar todo amor tem sua história – *sua marca existencial* – que nos fere e ferra de tal modo que não conseguimos nos libertar daquele ser amado, implicando dizer com isto que sempre queremos estar em presença da pessoa amada (desejada), mesmo que tal Amor ainda esteja no plano puramente ideal, isto é, embora ainda não se tenha efetivamente realizado como união entre dois seres que se desejam, que se buscam, porque no anonimato ainda.

Com isto queremos destacar que necessariamente o Amor não é manifestamente explícito, podendo ser doutra forma um amor implícito, que se manifesta apenas por palavras amáveis, gestos, intenções, proximidades e afetos dirigidos àquele ser que se deseja. Eis aqui um dos paradoxos do Amor: *ele pode realizar-se em si mesmo*, sem ser amor de um. E, Camões o coloca nesses termos, isto é, afirma a desnecessidade daquele "encontro", pois entende que o Amor pode realizar-se em si, espiritualmente apenas, implicando tal afirmação que o amante se contenta, mesmo à distância, de apenas contemplar a pessoa amada. Tal entendimento resulta de uma visão neo-platônica do Amor que, segundo nosso entendimento, impõe ao amante o sofrimento.

Pensamos – e talvez nosso pensamento não seja suficientemente consistente – que dadas as contradições e vicissitudes por que passou Kierkegaard, tenha ele preferido viver implicitamente o Amor a vivê-lo explicitamente com sua amada Regine Olsen, pois que de sua atitude resulta a aceitação tácita de uma experiência implícita, espiritual diria Camões, comprovada no "Diário de um Sedutor" **(5)** .

De modo igual poderíamos falar da experiência de Beethoven, a qual nos revela ser o Amor desejo, angústia, sofrimento e sublimação, quando por amor a uma mulher casada expressa todo o seu sentimento com as seguintes palavras:

> ***Podes mudar o fato de que és inteiramente minha e eu inteiramente teu? [...] Só contemplando nossa existência com olhos atentos e tranquilos, podemos atingir nosso objetivo de viver juntos [...]. Continua a me amar, não duvida nunca do fidelíssimo coração de teu amado, eternamente teu, eternamente minha, eternamente nossos"*** **(6)** . (Grifo nosso).

Há que se ressaltar que o Amor tem um linguagem própria, que prima acima de tudo pela discrição e pela fidelidade, porquanto é sempre cioso da

pessoa amada. Ademais, por ser o Amor um sentimento que busca na existência humana a realização da sua essência, tem por tendência natural tornar-se enígma.

Tal característica do Amor, entretanto, não impede que o mesmo seja descoberto por outrem, conforme acontece, via de regra, e consoante aconteceu com Beethoven também, posto que o amor que é Amor, ou seja, que não é enganado, equivocado, aparente, não pode ser unilateral e sim, necessariamente, bilateral, isto é, estabelece uma relação. Destaque-se aqui que esta situação permite que advoguemos consitência maior à visão platônica que a neo-platônica.

Especificamente com Beethoven tal relação fica clara quando descobrimos ser ele correspondido: ***"Não quero deixar que meu marido perceba o quanto é difícil para eu viver com ele, que é sempre carinhoso e tão amigo"***(grifo nosso) **(7)** , escrevia sua amada.

Infere-se do exposto até aqui, não obstante suas limitações, ser o Amor de natureza tal que repousa no desejo sua essência, manifestando-se esta na busca eterna da união colimada.

À guisa de conclusão, faz-se mister que tentemos explicitar ora dois termos que amiúde se confundem no "vernáculo popular" – Amor e Paixão. A bem da verdade, segundo juízo nosso, gostaríamos de ressaltar que ambos os termos constituem uma mesma realidade, ou seja, não há distinção que se possa estabelecer entre os mesmos, porquanto o Amor é Paixão. Com esta sentença é-nos permitido aproximá-la da posição platônica, segundo a qual ***"O Amor é uma paixão inata nas almas"*** **(8)** .

Com nosso discurso, queremos declarar que a Paixão é o Amor em si mesmo e que, por isso mesmo apresenta como razão de ser o desejo, já que este é a essência última que determina, mediante a admiração do outro, o limiar do Amor, que resumiremos como uma eterna busca pela união que se

impõe a dois seres apaixonados.

Neste contexto, e procurando uma maior objetividade acerca da questão motivo de nossa discussão, finalizaremos ratificando nossa afirmação inicial, qual seja, o amor em essência é desejo, podendo-se traduzí-la nos termos seguintes: A essência do Amor reside no desejo.

Isto posto, leva-nos a identificar certa proximidade de nossa tese com uma tese hegeliana, segundo a qual "amar é desejar o desejo do outro", de modo que chegamos à conclusão de que, embora não se constitua em uma inovação no que respeita à problemática do Amor, nossa tese tão-somente é uma tentativa de demonstração de que o Amor tem por essência o desejo.

Postulamos, pois, o desejo como a essência do Amor, destacando o seu caráter necessário e contigente, uma vez que resultante de um encontro, na maioria das vezes involuntário (sem que isto implique afirmar que o Amor é "obra" do acaso), que faz despertar o homem para uma outra pessoa e, por consequência, para a sua própria ***natureza de amante***. É como se estivesse o homem a ouvir Caetano Veloso: "[...] pois quando eu te vejo eu desejo o teu desejo [...]" .**(9)**

Nesse sentido, contentar-nos-emos com o até aqui exposto, uma vez termos admitido "a priori" um caráter especulativo à nossa discussão.

Dessa maneira, pois, esperamos que os leitores sintam-se motivados a abordar em maior ou menor intensidade o Amor e suas possibilidades.

Notas:

(1) Ver, Demócrito de Abdera, **fragmento** 105

(2) Ibidem, **fragmento** 73.

(3) Ver discurso de Aristófanes; In **O Banquete**, Platão, p. 52.

(4) Ibidem, p. 53.

(5) Ver, Kierkegaard, "**Diário de um Sedutor**"; In coleção os pensadores.

(6) Excerto da "**Carta à Bem-Amada Imortal**",escrita por Beethoven(Biografia).

(7) Escrito de Antonie Von Birkenstock dirigida a Beethoven, que lhe dedicou o Opus 120.

(8) Ver, Plotino, Do Amor, In **O Banquete**, p. 139.

(9) Caetano Veloso, "**Menino do Rio**".